

SALAS DE COMO TEMPLOS

POR RODRIGO FONSECA

Cine São Luiz – Recife, Pernambuco



Espalhadas entre 382 municípios, as 2.210 salas de exibição hoje existentes no Brasil tentam manter viva a mítica que fez cines lendários serem encarados como verdadeiros templos pela cultura da cinefilia nacional. Muitos deles acompanharam a evolução tecnológica, indo da era muda às primeiras experiências em Cinemascope dos anos 1950.

“No Rio dos anos 30, no bairro de Campo Grande, todas as quintas eu ia ao Cine Progresso com a empregada, onde eu via os seriados de Flash Gordon e Fu Manchu. Lá, eu descobri John Ford com *O delator* e com *No tempo das diligências*. E lá eu vi o brasileiro *Favela dos meus amores*”, lembra o pesquisador Dejean Magno Pellegrin, que nos anos 1950 fundou o Museu de Arte Cinematográfica e o Grupo de Estudos Cinematográficos.

Ao relembrar as salas de sua mocidade, Dejean incorre várias vezes na importância do jornalista Alberto Shatovsky, hoje ligado à programação das salas do Grupo Estação, como um agitador da cultura cinematográfica no país. Nos anos 50, Shatovsky esteve à frente do Cinema de Arte no teatro Mesbla, onde trabalhou com Oswaldo Leite Rocha, divulgador da Paramount Pictures no Brasil. Criador do Cinema 1, em Copacabana, que serviu de reduto para obras de realizadores autorais, Shatovsky marcou época no imaginário da cinefilia com o cinema Alvorada, no Posto 6, entre as ruas Raul Pompéia e Francisco Otaviano, que operou a partir de 1958 com um público cativo. “Começamos com *Um homem tem três metros de altura*, de Martin Ritt, com Sidney Poitier e John Cassavetes, que era considerado um filme não comercial”, lembra Shatovsky. No Cinema 1, com a ajuda do crítico Ely Azeredo, ele ajudou a popularizar a obra do sueco Ingmar Bergman. “Um dia, o gerente da Paramount me chamou e disse que tinha um filme guardado que ninguém queria, centrado na história de um motorista de carro que era perseguido por um caminhão. Resolvi exibir esse filme e ele virou um sucesso. Era *Encurralado*, cujo diretor, então desconhecido, se chamava Steven Spielberg. O sucesso do Cinema 1 era tanto que chegamos, também nos anos 70, a montar o Cinema 2.”

CINEMA DE CINEFILIA

FEBRE DE
CINEMA

Mas, de todas as salas do Rio, poucas geraram mais impacto – estético, político e afetivo – do que o Paissandu, no Flamengo, extinto há três anos. A sala chegou a ser tema de livro: *Geração Paissandu*, escrito pelo crítico Rogério Durst. “O Cine Paissandu abrigou em suas poltronas uma geração de cinéfilos interessados, inquietos e sempre prontos para uma boa discussão, que acontecia antes ou depois nos bares. Era uma época de revoluções, vinham de fora os ecos da contracultura, da liberdade sexual, da rebelião contra o estabelecido, aqui era a Redentora, o golpe militar ainda não reforçado pelos desmandos de 1968, mas presente na cabeça de todo mundo que vivia numa cidade que ainda parecia a capital de fato, embora não de direito. O Paissandu, na rua Senador Vergueiro, no Flamengo, foi inaugurado em 1960, como mais um cinema de rua, pelos franceses irmãos Valansi, da Cia Cinematográfica Franco-Brasileira”, conta Durst. “Além de importarem filmes eles atuavam na construção imobiliária. Ou seja, eles construíam um cinema no qual poderiam exibir seus filmes, uma galeria ao redor e um prédio em cima. Em 1964, havia um público ávido por novidades não americanas e poucos lugares onde assistir a tais filmes”.

Segundo Durst, um acordo entre os Valansi e o pessoal do MAM colocou na sala títulos clássicos do acervo da cinemateca e novidades da Europa. “Tinha Godard, Truffaut e Resnais, e além dos franceses tinham os filmes tchecos e poloneses. O sucesso foi imediato, as sessões eram disputadas, e a existência de dois bares na mesma calçada ajudava muito. E por lá se encontravam, ou não, pessoas como Caetano Veloso, Fernando Gabeira, Cacá Diegues, Murilo Salles, Sérgio Augusto e muitos mais, incluindo aqueles que só iam para serem vistos.”

Citado por Durst, Murilo Salles, diretor de *Nunca fomos tão felizes*, reconhece a primazia do Paissandu. “Às sextas-feiras, nas sessões de meia-noite, bombava mais do que qualquer boate da moda de hoje. Tinha até porradaria depois que fechava a bilheteria e muita gente não conseguia entrar, por conta da lotação esgotada”, lembra. “Numa época de cinema com ‘C’ maiúsculo, em que Antonioni e Bergman lotavam salas, gerando filas quilométricas, a minha geração estava no Paissandu vendo toda a obra de Godard. Ele sediou ainda o festival de cinema amador do Jornal do Brasil, que serviu de vitrine a todos os diretores que foram meus contemporâneos.”



Cine Paissandu, Flamengo

Salles lembra ainda da importância da Cinemateca do MAM. “Funcionando no segundo pavilhão do Museu de Arte Moderna, sob a direção de Cosme Alves Neto, a Cinemateca tinha a melhor sala de projeção do Rio, pequeninha, com um ar condicionado poderoso. Ali, nós víamos todos os ciclos do cinema europeu, acompanhados de um prospecto mimeografado com a sinopse e uma fortuna crítica dos filmes. Tinha ainda a salinha de cinema do Museu da Imagem e do Som, o MIS, que exibia Alain Resnais. Víamos também ciclos franceses então contemporâneos na Maison de France.”



Cine Olaria



Cine Marabá



Nos arredores da capital, em municípios e cidades do interior do estado, o Rio também fervia. “A minha infância e juventude foram muito bem passadas na Petrópolis dos anos 60, onde existia a sessão Passatempo, recheada de seriados e de filmes B dos mais sensacionais projetados às 8h30 da manhã no Cine Capitólio, um espetacular cinema de rua que hoje não passa de um triste estacionamento”, conta o cineasta Paulo Sérgio Almeida, diretor do portal Filme B. “Logo em seguida, corríamos para a pré-estreia do Cine Petrópolis, que virou igreja e, recentemente, está vazio. Lá, às 10h30 da manhã, eram apresentados os grandes filmes do momento. Nos dois, as plateias eram lotadas até o teto. Todo mundo ficava muito excitado. À tarde, o quente era ir no Cine Dom Pedro, que, aliás, foi uma das locações de *Banana split*, meu filme que tenta reproduzir esta época. Os três cinemas eram do Grupo Severiano Ribeiro. Fora estes, havia o cinema da Art Filmes, com uma programação espetacular de filmes europeus e italianos. No final dos anos 60, começou a decadência e eu abri o Cineclube Chaplin, para poder ver os filmes de arte que começavam a desaparecer do mercado e também para fazer alguma agitação política. Esta agitação me trouxe para o Rio de Janeiro.”

São Paulo, a maior metrópole do país, conheceu a grandiosidade arquitetônica dos templos cinéfilos em diferentes segmentos de seu perímetro urbano. Lá funcionaram salas lendárias como o cine Marabá, fundado em 1942, que “hospedou” a fina flor dos estúdios Vera Cruz. Além dele, reativado em 2009 pelo Grupo Playarte, o Centro paulistano era tomado por polos exibidores como o Jussara, o Regina, o Bandeirantes, o Paratodos, o Rivoli e o Ipiranga, um dos mais populares da cidade, que chegou a acolher os primeiros filmes de Zé do Caixão.

“Na minha infância, foi muito importante a presença do cine Piratininga, uma salinha na minha cidade natal, Ribeirão Bonito, interior de São Paulo”, conta o escritor e cineasta João Silvério Trevisan. “Na minha formação como cinéfilo, há várias salas na cidade de São Paulo que foram marcantes, em especial na década de 60: o cine Bijou, um cinema de arte na Praça Roosevelt, o cine Apolo, pequeno cinema de arte também no Centro, onde vi muitos filmes de grandes diretores. Havia ainda os cinemas japoneses do bairro da Liberdade. Tinha também o cine Coral, na rua 7 de Abril, especializado em filmes europeus. Já nas décadas de 70 e 80, eu frequentei o cineclube Bexiga, que reprisava grande filmes de arte. Algumas salas exibiam filmes da Boca do Lixo, sobretudo as pornochanchadas: Marabá, Ipiranga e Art Palácio são aqueles de que me lembro mais. Às vezes, entravam filmes do cinema marginal nesse circuito também.”

Terra santa para os filmes de Mazaropi, que cruzavam com facilidade a fronteira do milhão de pagantes, o interior paulista teve palácios imponentes, colecionando causos cinéfilos, como conta o produtor e cineasta Flávio R. Tambellini. Seu pai, o também realizador Flávio Tambellini (1925-1976), diretor de *A extorsão*, 1975, cresceu em Batatais, encantado pela magia da tela



Cinema 1, Copacabana



grande. “Meu pai me contava que havia uma única sala de cinema em Batatais onde ele e os amigos descobriram um atalho para entrar no cinema sem pagar. Só que eles entravam por trás e eram obrigados a ver o filme do lado oposto da tela e ler as legendas na ordem contrária.”

Em Belo Horizonte, o *bunker* de resistência estética audiovisual da juventude mineira dos anos 1960 e 70 era o extinto Pathé, na região de Savassi. “Foi ali que eu vi *Deus e o diabo na terra do sol*, do Glauber e *A grande cidade*, do Cacá Diegues. Foi ali, que, entre os meus 14 e 15 anos, eu descobri o Cinema Novo”, lembra o diretor Helvécio Ratton, realizador de *Batismo de sangue*. “O Pathé, que hoje virou um estacionamento, onde funciona regularmente uma feirinha de artigos de informática, era a sala exibidora capaz de reunir as cabeças de vanguarda de BH, as pessoas interessadas em política. Quando ela acabou, foi surgindo um circuito de arte que nos consolou. Circuito que hoje está combalido. Mas como a casca do Pathé ainda está de pé, ou seja, ainda é possível ver a sua fachada, dá uma saudade danada do que ele foi para nós.”

Um dos fundadores do Cinema Novo, Carlos Diegues cresceu no Rio de Janeiro em meio a uma esfuziante oferta de salas exibidoras. “Em Botafogo, onde eu morava e de onde minha mãe não deixava eu sair, eu praticamente morei no Guanabara, um palácio exibidor de arquitetura e decoração eclética que ficava no Mourisco. O Guanabara tinha uma programação que durava quase o dia inteiro: dois longas, muitos curtas, episódios de pelo menos dois seriados, jornais da tela, não acabava nunca. A gente saía pra comprar um sanduíche e voltava correndo para a próxima atração. Depois, na juventude, já independente do olhar da mãe, frequentei muito o Roxy e o Metro Copacabana, ambos no bairro mais charmoso do Rio de Janeiro. Um dia, eu botei paletó e gravata, então obrigatórios nos cinemas do Centro da cidade, para ver a estreia de *O manto sagrado* e conhecer o Cinemascope, no Cine Palácio.”

Mas Cacá também preserva memórias dos cinemas de Alagoas. “Eu saí de Maceió aos seis anos de idade, quando meu pai se mudou pro Rio. Até meus 13, 14 anos, nós passávamos nossas férias de verão todas lá. O cinema maior e mais frequentado era o São Luiz, na rua do Comércio, onde imagino ter visto meu primeiro filme na companhia de uma tia, antes dos seis anos de idade. Nas férias de verão, nós também frequentávamos as sessões semanais de filmes no Clube Fênix Alagoana, muito perto da casa dessa minha tia, onde nos hospedávamos. Nossa, faz tempo.”

Do Recife, o diretor Marcelo Gomes preserva saudades de uma sala que marcou a juventude pernambucana. “Havia um cinema no centro que tinha uma arquitetura maravilhosa e foi lá onde assisti a muitos e muitos filmes na minha infância: o São Luiz. O cinema foi fechado, como a maioria das salas exibidoras do centro. Mas, recentemente, ele foi restaurado e está exibindo uma programação de filmes muito boa, abrigando os festivais organizados pelo crítico Kleber Mendonça.”



Cine Metro Tijuca

Na Bahia, o crítico João Carlos Sampaio ressalta a relevância que o Cine-Teatro Maria Bethânia teve para os cinéfilos formados nos anos 1980 e 90, ao exibir clássicos. “Foi lá que vi, pela primeira vez, alguns filmes de Bergman, Fellini. Lembro, sobretudo, de uma inesquecível sessão de *A regra do jogo*, de Renoir. *Cenas de um casamento*, de Bergman, fez-me sair depois da meia-noite e acabei ficando sem ônibus para voltar para casa naquela noite. Ainda em Salvador, o Cine Bristol, que depois virou Cine Art, era um poeira delicioso do Centro. Nas quartas à tarde, pagava meia pra ver os filmes que acalentavam meu coração adolescente, ávido por bom motivo para faltar a aula e substituir matemática por bom cinema. Foi assim que vi *Memórias do cárcere*, de Nelson Pereira dos Santos, *Syd & Nancy*, o libelo punk de Alex Cox, e os poucos filmes italianos e franceses que rompiam aqueles anos 80, tão cheios de Schwarzenegger, Stallone, Steven Seagal, Chuck Norris e todos aqueles fortões. Na Praça Castro Alves, recanto popularíssimo, o Guarany exibia muito filme brasileiro, que a molecada, incluindo eu lá no meio, ia conferir as musas da TV tirarem a roupa, como a Cláudia Ohana, a Matilde Mastrangi e a Débora Bloch.”

“Se as salas de exibição de rua, em sua maioria, desapareceram, alguns cinemas em todo o mundo começam a recuperar as grandes telas, mostrando que, muitas vezes, o velho é o novo.”

Um dos nomes mais aclamados da nova geração de realizadores gaúchos, Gustavo Spolidoro, diretor de *Ainda orangotangos*, atribui suas ambições estéticas às lições aprendidas nos principais cinemas de rua de Porto Alegre. “Frequentei cinemas de bairro, como o Marrocos, no bairro Menino Deus, onde lembro ter assistido a *Superman, o filme*, e o Astor, lá em Auxiliadora, onde vi *Os saltimbancos Trapalhões* sentado no braço da poltrona. Em Azenha, havia o Roma, onde me emocionei com *ET*. Já no Centro, havia a mais elegante e clássica das salas, o Imperial. Ainda guri, fui impactado por um filme que era muito diferente de seu título: *O beijo da mulher aranha*, concorrente ao Oscar, assistido no também central Cacique”, conta Spolidoro. “Mas a minha formação cinefílica veio mesmo por volta dos meus 15 anos, com a abertura das salas da Casa de Cultura Mario Quintana, no antigo Hotel Majestic, ali na rua dos Andradas, ou rua da Praia. Foi nas três salas da CCMQ que assisti a mostras e festivais importantes, como as itinerâncias da Mostra Internacional de São Paulo, as reprises do Festival de Gramado e retrospectivas da Nouvelle Vague.”

Cada um com sua história, cada um com seu cinema, muitos lamentam a desapareição gradual dos grandes templos, sucateados e trocados por farmácias, igrejas e garagens. Mas houve compensações, como sugere Paulo Sérgio Almeida, referindo-se à explosão das salas I-Max, à aparição de telonas gigantes ao ar livre e às obras que ampliaram o tamanho dos *écrans* em vários espaços. “Se as salas de exibição de rua, em sua maioria, desapareceram, alguns cinemas em todo o mundo começam a recuperar as grandes telas, mostrando que, muitas vezes, o velho é o novo.”

Rodrigo Fonseca é repórter e crítico de cinema de O Globo. Professor da Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu, é autor dos livros *Meu compadre cinema - Sonhos, saudades e sucessos de Nelson Pereira dos Santos* e *Cinco mais cinco - Os melhores filmes brasileiros em bilheteria e crítica*, coescrito por Luiz Carlos Merten e Cacá Diegues.